



**Brasil entre as telas e as ruas: produção e consumo  
das narrativas jornalísticas audiovisuais sobre os  
protestos nacionais de junho de 2013**

**Beatriz Becker  
Monica Machado**

Artigo recebido em: 30/08/2014  
Artigo aprovado em: 24/10/2014

DOI 10.5433/1984-7939.2014v10n17p39

# Brasil entre as telas e as ruas: produção e consumo das narrativas jornalísticas audiovisuais sobre os protestos nacionais de junho de 2013

Brazil between the screen and the streets: production and consumption of audiovisual journalistic narratives about the nationwide political protests in June 2013

Beatriz Becker\*  
Monica Machado\*\*

---

**Resumo:** Este artigo discute os desafios que as mediações culturais e tecnológicas impuseram ao jornalismo audiovisual na cobertura dos protestos de Junho de 2013, a partir da análise televisual das enunciações do Jornal Nacional e dos conteúdos e formatos digitais do Mídia Ninja. Assume-se que telespectadores e usuários tendem a romper os contratos de leitura da TV e a se inserir em outras telas, concretizando formas inovadoras de intervir na história contemporânea e esgarçando a tradicional relação entre produção e recepção massiva.

**Palavras-Chave:** *Narrativas jornalísticas audiovisuais. Protestos de junho. Jornal Nacional. Ninja.*

**Abstract:** *This article discusses the challenges that the technological and cultural mediations impose to audiovisual journalism in the coverage of the June protests of 2013, from the televisual analysis of the enunciations of the Jornal Nacional and the digital contents and formats of Mídia Ninja. It is suggested that viewers and users tend to break their TV reading contracts and by getting into other screens through which they build innovative forms of influencing recent history and wear out the traditional relationship between mass-media production and reception.*

**Keywords:** *Journalistic audiovisual narratives. June Protests in Brazil. Jornal Nacional. Ninja.*

---

\* Doutora em Comunicação e Cultura pelo PPGCOM-UFRJ com Pós Doutorado realizado no Programa de Pós-Graduação da PUC-SP e bolsista de Produtividade do CNPQ. Professora do PPGCOM-UFRJ e do Departamento de Expressões Linguagens da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ).

\*\* Professora do Departamento de Métodos e Áreas Conexas da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ) e coordenadora da agência experimental LUPA.

## Introdução

Em junho de 2013, o Brasil vivenciou um ativismo político de intensa participação popular. Os protestos se espalharam por contágio social em todo o território nacional e centenas de manifestantes convocados pelo Movimento Passe Livre (MPL) tomaram as ruas do País. O êxito dos protestos apartidários liderados pela juventude resultou não só na revogação do reajuste da passagem de ônibus em mais de 80 cidades do país<sup>1</sup>, entre elas 20 capitais, mas em uma expressão histórica da força da sociedade civil que não pode ser ignorada pela grande imprensa, após repudiar os primeiros atos políticos, ainda que sob uma clara estratégia discursiva de valorizar as manifestações pacíficas e rotular os grupos mais radicais de vândalos e/ou baderneiros e/ou de um pequeno grupo de arruaceiros e/ou ainda de infiltrados. A insatisfação da sociedade civil desafiou os governos, os partidos e a própria mídia. E não faltou a adesão de simpatizantes oportunistas.

A violência cometida pela polícia e por grupos de rebeldes provocou prejuízos para o patrimônio público e o privado, dezenas de prisões e marcas de agressão nos corpos de estudantes, jornalistas e cidadãos brasileiros de diferentes gerações. O acontecimento construído nas redes sociais foi destacado nos principais veículos de comunicação do país e de distintos continentes. A indignação aos poderes constituídos foi respondida com a força bruta da Polícia Militar. Mas depois de vinte anos silenciadas desde o movimento dos caras pintadas a favor do *impeachment*, a inteligência e a criatividade política da juventude brasileira colocaram em cheque as contradições do País, e mostraram que ela não pode ser acusada de individualista, consumista e desinteressada nas pautas públicas (MACHADO, 2011), uma vez que provocou um diálogo inevitável com governadores e prefeitos de diferentes regiões do Brasil.

Se a diminuição do custo das passagens era a principal reivindicação dos estudantes, vozes diversas clamaram por outras

<sup>1</sup> Cf. *Carta Capital*, 28 de jun. 2013, p. 25.

mudanças: a melhoria dos serviços públicos, o enfrentamento da corrupção, o indevido uso do dinheiro público com os excessivos investimentos na realização da Copa do Mundo e das Olimpíadas sem benefícios para a população e o arquivamento de Proposta de Emenda Constitucional 37/2011 (PEC 37) para limitar as investigações do Ministério Público. Porém, para além desta pauta, a sociedade demonstrava nas ruas um repúdio a instituições tradicionais como os partidos políticos, as entidades de classe e a própria mídia, como a própria presidente Dilma afirmou em seu primeiro pronunciamento veiculado no *Jornal Nacional* (JN) em 18 de junho de 2013, mas também demonstrava um descontentamento com a qualidade de vida da população.

A grandeza política dos protestos revelou a fragilidade da democracia brasileira, mas outros acontecimentos já haviam atravessado o controle da mídia como as transmissões televisivas das celebrações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil. Os veículos de comunicação e o Estado se uniram para celebrar o que deveria se constituir em uma festa nacional e não uma guerra civil como as emissoras de televisão não puderam deixar de mostrar, muitas vezes, ao vivo (BECKER, 2005). As transmissões televisivas sobre as comemorações do quinto centenário do país revelaram que os acontecimentos midiáticos podem servir como instrumentos de conservação ou de transformação social. Os rituais coletivos que a televisão transforma em “história instantânea” nas transmissões ao vivo têm o poder de modelar a memória coletiva, mas podem também reorganizar sociedades inteiras em torno de uma aspiração dos grupos sociais porque a representação de eventos que ainda estão em curso pode influir em seu desenvolvimento e em suas consequências (DAYAN; KATZ, 1999). Hoje, porém, essa imprevisibilidade das transmissões ao vivo de um acontecimento torna-se ainda mais expressiva por ser influenciada pelos usos das tecnologias digitais e os discursos das mídias sociais, como a produção digital do movimento *Ninja* sobre o MPL.

Segundo Benetti (2010), o acontecimento jornalístico se define a partir de uma concepção funcional da história ao oferecer visibilidade ao incomum. É uma prática discursiva singular para informar constituída sob um contrato de comunicação que exige procedimentos específicos e legítimas referências e valores, sob relações de poder e combinações de regras que determinam a sua própria aparição. Porém, também é parte da experiência; e os sentidos dos discursos jornalísticos produzidos por quem enuncia são atualizados pelo outro em complexos processos de comunicação (*Idem*).

Hoje, as apropriações das tecnologias digitais têm incrementado a intervenção das audiências não apenas na ressignificação dos acontecimentos, mas na produção de conteúdos e formatos audiovisuais que circulam em outros nichos midiáticos. Essas audiências passam a disputar com a televisão e os telejornais registros da história que constituem a memória coletiva, tendem a se tornar cada vez mais fragmentadas e a se servirem de diferentes agendas midiáticas, o que, por outro lado, não sustenta previsões sobre o fim do agendamento na atualidade (BECKER, 2013). Nesse contexto, enquanto assistimos à tendência da passagem do modelo jornalístico de *gatekeeping* – modo de seleção e construção das notícias pelos jornalistas sem a participação direta das audiências, cujos interesses são subtendidos e presumidos pelos jornalistas – para a prática de *gatewatching* na produção das notícias, dissolvendo algumas hierarquias entre jornalistas e leitores-usuários-telespectadores (BRUNS, 2011), as preferências de informação da mídia e do público são cada vez mais divergentes e desafiam o Jornalismo como forma de conhecimento e prática democrática.

A partir da análise televisual de como a TV e as audiências construíram os protestos de junho de 2013, por meio de uma leitura crítica das enunciações do *Jornal Nacional* e dos conteúdos e formatos audiovisuais do movimento *Ninja*, este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre desafios do Jornalismo impactado pelos usos de tecnologias digitais e sobre reconfigurações das relações entre a mídia e a audiência na produção jornalística audiovisual na atualidade. É adotada a

metodologia proposta por Becker (2012a), que permite uma leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais, formada por três fases distintas: descrição, análise televisual e interpretação dos resultados<sup>2</sup>. Foram analisadas as edições do *Jornal Nacional* de 13 a 22 de junho de 2013, gravadas em DVD, inclusive uma edição extra, veiculada no dia 20 antes de o telejornal ir ao ar, totalizando quase nove horas de material audiovisual. Os conteúdos e formatos audiovisuais do movimento *Ninja* foram acompanhados pelas autoras nesse mesmo período, disponibilizados via Internet em *streaming*, uma forma de distribuição de informações em áudio e vídeo cujos dados nem sempre podem ser arquivados e, por essa razão, não puderam ser recuperados para revisitações e releituras durante a pesquisa.

## Contextualizações

Segundo Beckett (2008) os meios de comunicação têm poder para moldar a sociedade e os acontecimentos, para mudar a história, mas o futuro do Jornalismo é pouco discutido. Hoje, a prática jornalística tem enfrentado pressões econômicas, repressão política em alguns países e a busca do público por informações em mídias digitais. Porém, esses desafios não descartam a importância do Jornalismo para as sociedades democráticas, o qual desempenha outros papéis para além de informar: o de entretenimento, de vigilante, de mediador econômico e de servir à sociedade como um fórum de debates. Para o autor há um ceticismo em relação aos discursos jornalísticos na atualidade. Mas a confiança na imprensa pode ser recuperada com o Networked Journalism, o exercício da partilha com o público das responsabilidades da apuração e distribuição das notícias, porque passamos de uma comunicação de

<sup>2</sup> A análise televisual reúne um estudo quantitativo e um estudo qualitativo dos referidos relatos jornalísticos. No primeiro, são aplicadas cinco categorias – estrutura do texto, temática, enunciadores, multimidialidade e edição; e no segundo, três princípios de enunciação – fragmentação, dramatização e definição de identidades e valores. Este artigo apresenta os principais resultados alcançados, os quais motivaram a reflexão aqui proposta.

sentido único, corporativa e limitada, para outra, relacional, personalizada, comunitária. E os jornalistas devem se adaptar às novas tecnologias e às atuais relações com o mercado e as audiências, criando e distribuindo notícias em vários formatos. Assim, é possível alargar a agenda noticiosa e o conhecimento dos meios sobre seus públicos, reafirmar a virtude do Jornalismo de “ouvir” as pessoas e fortalecer a atividade jornalística, porque a construção das notícias exige os filtros de repórteres, editores e apresentadores.

Para Boczkowski e Mitchelstein (2013), o hiato entre os interesses das audiências e dos públicos existe há muito tempo. O atual ambiente midiático tem transformado esse *status quo* em função da maior competitividade das mídias, dos desafios do exercício do Jornalismo, do aumento da visibilidade das escolhas das notícias pelo público e da facilidade com que as audiências se interessam por certas histórias e ignoram outras. Esses processos afetam a prestação de serviço público de informação de qualidade pela grande imprensa e colocam em risco o poder das empresas de comunicação de pautar a agenda pública. A adequação dessa “missão” do Jornalismo demanda inovação no modo de narrar as histórias do cotidiano, alteração na estratégia de produção de conteúdos generalizados para um modelo de produção de notícias mais flexível e segmentado, reavaliação da infraestrutura das organizações e da escolha de locais onde são instaladas as redações, inclusão de atores sociais diversos como fontes de informação e o abandono de uma linha editorial rigidamente predeterminada.

As pesquisas desses autores mostram que o Jornalismo não perdeu sua função social e política, ao contrário. Porém, a maior participação das audiências no ambiente midiático implica profundas reorientações na produção de notícias para estreitar as interações entre o público e as organizações noticiosas, assim como a revisão dos critérios de noticiabilidade, já sinalizada por Herreros (2003). Boczkowski e Mitchelstein (2013) ainda ressaltam a importância de estudos de Jornalismo que compreendam as atuais interações entre as audiências e as rotinas produtivas, como este trabalho, interessado em discutir como os protestos de junho foram construídos no Brasil entre as ruas e diferentes telas.

Afinal, “Podem-se passar décadas sem que nada mude, mas uma semana pode concentrar décadas de mudança”. Com esta frase a edição histórica da revista *Veja* abriu a reportagem especial sobre as manifestações, afirmando que muitos especialistas tentaram analisar sem sucesso os protestos como um fenômeno das sociedades contemporâneas. Mas esse tipo de manifestação popular organizada e descentralizada por meio dos usos de mídias digitais não é uma novidade política do século XXI exclusiva do Brasil, e está inserido nos contextos dos movimentos de ativismos que ocorreram no mundo em 2011, nomeados por comentaristas internacionais como “Facebook Revolution”, “Twitter Revolution” ou “Citizen Journalism”. Gerbaudo (2012) analisou a emergência do *Egyptian Uprising*, *Spanish Indignados* e *Occupy Wall Street*, e apontou que tinham em comum ou a crise econômica e o desemprego ou a austeridade política adotada como organização. Notam-se semelhanças com as manifestações no Brasil em 2013: as mídias sociais ganharam protagonismo como expressão sem lideranças claras e com pautas que pareciam descoordenadas de um centro de comando.

Para Cammaerts (2013), apesar da tradição pacifista dos protestos, a violência política e a lógica do dano têm sido instrumentos relevantes nesses embates por mudanças sociais, assim como o testemunho da manifestação como personalização da política, construindo identidades coletivas e estruturas horizontais para a promoção de valores alternativos. Os manifestantes filmam o que estão vendo e postam tudo em plataformas de rede social, produzindo um arquivo em constante crescimento de imagens e autorrepresentações das manifestações. Os discursos inscritos nesses registros alimentam a memória coletiva do protesto porque as redes sociais funcionam como contranarrativas para ativistas e facilitam a mobilização de massas. As câmeras portáteis nas mãos de manifestantes também permitem a tática de *sousveillance* – a vigilância dos vigilantes ou vigilância de baixo para cima por cidadãos/ativistas sobre o Estado ou figuras públicas. (CAMMAERTS, 2013).



Para Araújo (2011), esses fenômenos são nomeados de ciberativismo, ou seja, o uso de redes digitais para ações políticas de indivíduos e grupos sociais. Mas explica que esta concepção é pouco problematizada e demanda aprofundamento porque a premissa de que a internet é, em sua totalidade, uma rede distribuída e assertiva não é verdadeira, uma vez que todo tráfego de informação na *Web* deve ser submetido à sua estrutura hierárquica para ter acesso à sua estrutura anárquica e horizontal. Para ele, o ativismo pode ser analisado como a biopolítica da rede: a capacidade da vida governar-se, em contraposição ao biopoder. De fato, a adoção de redes sociais *online* é parte de uma tendência maior da própria sociabilidade humana. Segundo Deuze (2013), os limites entre o homem e a máquina são cada vez mais tênues, porque a condição humana emergente funde-se com as condições biológicas e tecnológicas do ambiente e passamos a experimentar um estado de “zumbificação”, ou de morto-vivo. Porém, como zumbis midiáticos estamos mais afinados com o coletivismo, organizado horizontalmente sem hierarquias, e abertos a diferentes intervenções. E esse modo de engajamento na mídia pode ser relacionado aos movimentos sociais que usam as tecnologias digitais como lutas políticas por contribuem para a produção de conteúdos e interações diversas.

Contudo, Gerbaudo (2012) duvida da ideologia do horizontalismo, pois obscurece formas de hierarquia na organização da ação coletiva. Para ele, o processo de mobilização é chefiado por uma “assembleia coreografada”, como a construção do espaço público que orienta a montagem de lideranças em coreografias suaves: os influentes no *Facebook* e os *tweep* ativistas se envolvem na produção de um espaço emocional onde a ação coletiva pode se desdobrar. Sob essa perspectiva, apresentamos em seguida os resultados da análise dos modos de representação dos conteúdos e formatos em áudio e vídeo dos protestos de junho de 2013 no Brasil, refletindo sobre as disputas de enunciação entre a mídia convencional, representada pela cobertura jornalística do *Jornal Nacional* da Rede Globo, e das mídias sociais, com destaque para o coletivo digital *Ninja*.

## *Ninja e JN*

Além de observadora e participante, a imprensa foi também alvo de protestos, acusada de manipulação por muitos. Durante as manifestações, ouviam-se frequentemente gritos de “abaixo a Rede Globo”, e repórteres de grandes empresas chegaram a ser hostilizados por manifestantes (FRAGA, 2013). O movimento das ruas impôs uma crítica à representação da mídia brasileira identificada com o poder. As informações sobre as manifestações já não chegavam mais à população apenas pelos grandes veículos de comunicação do país e os modos como a imprensa construiu o discurso jornalístico nos primeiros atos políticos foi claramente contestado não só pelas ações das ruas, mas também pelas redes sociais e por projetos de comunicação alternativos como as imagens ao vivo do movimento *Ninja* distribuídas na Internet.

Essa insatisfação com a mídia tradicional resultou em mudanças na forma de narrar os acontecimentos de jornais e emissoras de televisão, inclusive da Rede Globo e do *JN*. Mas não apenas porque os partidos e outras organizações estão cada vez mais céticos em relação à imprensa, até porque são, estrategicamente, subordinados às aparições na mídia. Em busca de grandes audiências, ainda que suscetível às críticas, a mídia eletrônica ocupa um lugar importante no imaginário social, incorporando em suas estratégias enunciativas aspirações da população, rejeitando a cultura elitista e celebrando as sensibilidades e as angústias populares (WAISBOARD, 2013). Porém, a televisão aberta comercial não deixou de exercer a relativa honestidade que rege o exercício do Jornalismo ao perceber a magnitude dos protestos frente à sua principal vocação de informar e, conseqüentemente, de legitimá-los ao expandir o movimento para a tela da TV.

Não por acaso, líderes do movimento foram solidários aos jornalistas agredidos e algumas vezes a presença das equipes de reportagem de diferentes veículos foi bem recebida pelos manifestantes. Afinal, segundo Meditsch (2012), o Jornalismo disponibiliza informações confiáveis sobre os acontecimentos para que o público possa embasar as suas intervenções

na vida social. É regulado pelo mercado, por valores ideológicos, mas “tem uma potencialidade muito maior do que a ciência de revelar o novo” (Meditsch, 2012, p. 85), escapando de manipulações, rompendo com a ordem positivista e previsível do agendamento e valorizando a escuta do outro, o que nem sempre é uma vivência reafirmada pelas práticas jornalísticas imersas nesta constante contradição.

No *Jornal Nacional* o MPL passou a ganhar de goleada da Copa das Confederações. Willian Bonner, que havia anunciado seu deslocamento da redação para ancorar o noticiário dividindo a bancada com Patrícia Poeta fora do estúdio nas cidades onde a seleção brasileira iria disputar os jogos – ação que os telejornais geralmente adotam para valorizar um determinado acontecimento –, enfrentou constrangido e publicamente no dia 18 sua decisão de retornar à redação do JN no Rio frente à repercussão das manifestações, que, desse modo, foram privilegiadas editorialmente. Houve uma flexibilização do formato do *Jornal Nacional*, que não ocorreu apenas por motivos políticos, mas também pelas influências dos usos do computador, das redes sociais e das mídias móveis, com transmissões em tempo real nas narrativas televisivas, que já intervêm nos modos de narrar as notícias em busca de pontos no IBOPE e, conseqüentemente, de recursos financeiros.

Até o *JN* já está associado ao portal G1 nos créditos finais do telejornal. O tempo e o espaço dedicados ao movimento romperam com a tradicional minutagem e formatação dos 4 ou 5 blocos dos telejornais de rede. Na maioria das edições os protestos foram chamados na escalada (a abertura do noticiário), como também foram assunto dos primeiros blocos ultraexpandidos, sustentados por constantes entradas ao vivo de repórteres de diferentes cidades do país, e do encerramento de cada uma das edições. Os vts (matérias editadas) também superaram a duração média de 1 minuto e 20 segundos das notícias do telejornal. As imagens das ruas não apenas invadiram a tela do *JN* e de outros telejornais da emissora, como de outros programas da Rede Globo, entre eles *Mais Você*, *Bem Estar* e *Encontro com Fátima Bernardes*. No dia 20 de junho o *JN* chegou a

interromper a programação às 17h50 com ancoragem de Patrícia Poeta chamando repórteres ao vivo de distintas capitais do país, totalizando mais de três horas de transmissão até o final da edição nesta data.

No dia 21, foi exibido um *clip* de mais de quatro minutos com imagens violentas e exclusivas da Rede Globo, de saques a lojas e depredações de patrimônios público e privado, que acentuou a binária divisão das enunciações do telejornal referentes aos atores sociais envolvidos nos protestos. Jovens e cidadãos que participavam pacificamente das manifestações eram valorizados, enquanto os violentos baderneiros eram atacados. Sob essa estratégia discursiva, o *JN* encontrou um caminho para tentar mediar a organização simbólica de uma realidade caótica na tela da TV, prática recorrente nas outras nove edições do telejornal analisadas. E nesse percurso reafirmou a televisão como a principal arena política na atualidade, cujo maior exemplo foi o diálogo entre os governadores das principais cidades do país com representantes dos movimentos que passaram a negociar a revogação do aumento das passagens de ônibus, anunciada no dia 18 de junho – uma vitória do MPL. Nesse processo ficou evidente que o rígido discurso das autoridades transformou-se em uma relativa disponibilidade para ouvir as ruas, ainda que devido também à intervenção de líderes do governo federal e do executivo.

Porém, a diminuição do custo das passagens não cessou de imediato o Movimento, nem as agressivas atitudes por parte de policiais e participantes. E o *JN*, sem abrir mão da linha editorial adotada, abriu mais espaço para vozes diferentes manifestarem suas opiniões - líderes do movimento, estudantes, policiais, autoridades, professores, jornalistas, entre outros profissionais, e representantes de instituições distintas como a CNBB e a FIFA. Até o técnico da seleção brasileira, o “Felipão”, foi convocado a dar seu depoimento sobre as manifestações. Desse modo, nem a Copa das Confederações ficou à margem do acontecimento nas enunciações do noticiário, o que mostra que a mídia não é tão monolítica, nem sempre é desfavorável aos movimentos de protesto e pode até favorecê-los em busca da interação com os telespectadores, porque é

na leitura das audiências da ambiguidade de pontos de vista das entrevistas realizadas que os sentidos dos depoimentos são também construídos. Foram registrados ainda na cobertura do noticiário comentários e críticas da imprensa internacional; e imagens de amadores e de veículos como a TV Estadão e TV Carta foram incorporadas.

O *JN* não deixou de informar sobre as diferentes pautas dos manifestantes que ocupavam as ruas do país e até transmitiu a hostilidade de participantes à própria Rede Globo no dia 17 de junho, ação impensável há poucas décadas, assim como mostrou a violência de policiais e de participantes enfurecidos contra jornalistas e outros veículos de imprensa. Ocorreram erros de entradas ao vivo, algumas vezes sem áudio ou sem sinal, assumidos com certa informalidade por Bonner e Patrícia, e até nas chamadas de Galvão Bueno, que passou a ancorar as matérias sobre a Copa. Mas houve outras situações graves em que a cobertura patinou, quando a maioria dos repórteres, ainda que por proteção, passou a entrar ao vivo com informações precárias e previsíveis sobre as manifestações apenas em sobrevoo de helicópteros ou do alto de prédios, bem próximos à linha editorial do telejornal, mas distantes do acontecimento e das ruas, quebrando princípios que orientam as práticas jornalísticas, enquanto a mídia independente no meio da multidão apresentava informações bem mais consistentes sobre os protestos. No dia 22, a revelação de um amor secreto do artilheiro da seleção Fred, autor dos gols da vitória contra a Itália, trouxe um grande alívio para os âncoras, os repórteres, telespectadores e para a imagem do Brasil. A entrevista da repórter Fernanda Gentil funcionou como um *fait-diver* em um país chamuscado que parecia voltar a um estado de normalidade, ainda que apenas na tela da TV.

Martin- Barbero (2001) reflete sobre uma crítica capaz de distinguir entre a denúncia da cumplicidade da televisão com os interesses do poder e do mercado e o lugar estratégico que ela ocupa na transformação de sensibilidades, na construção de imaginários e identidades, uma vez que os processos de comunicação tecem vínculos entre os sujeitos. Por essa razão, é a partir do conceito de mediação

trabalhado por Martin-Barbero (2001) e Silverstone (2005) que os estudos da produção de sentidos e das relações entre as práticas daqueles que produzem sons, imagens e narrativas e as de quem os recebe contribui na compreensão da TV como mediação tecnológica e cultural, compreendendo a tecnicidade como um novo regime de visualidade e de significação da experiência. Assim, é possível entender como mobilizações ativistas pela rede intervêm no agendamento jornalístico. Mas não podemos supor que o movimento *Mídia Ninja*, nem que o *Jornal Nacional* tenham sido vencedores neste jogo de representação de reivindicações da sociedade brasileira, como sugerido no subtítulo acima. São produtos de informação e serviços muito distintos que hoje constituem o ambiente midiático, mesmo que *blogs*, *sites*, *twitters* e ações dos próprios manifestantes nas redes sociais já disputem espaços de expressão noticiosa com as mídias convencionais. Se houve um vencedor foi a sociedade brasileira, mais esclarecida e atuante.

Para a jornalista Elizabeth Lorenzotti (2013), a Pós TV, produzida por um grupo chamado Narrativas Independentes Jornalismo e Ação (*Ninja*) que integra iniciativas abrigadas no portal Fora do Eixo (<http://foradoeixo.org.br/>) – criado em 2009 por ativistas de cidades do interior do Brasil, marca a expansão de práticas alternativas de comunicação na Internet. E os *Ninjas* protagonizam com seus *smartphones* e câmeras uma novidade na cobertura dos protestos frente à mídia tradicional. Segundo Castilhos (2013a), eles se destacaram pelo investimento na descentralização informativa, viabilizando uma cobertura baseada na contribuição de pessoas com uma mídia móvel. E o problema da cobertura dos *Ninjas* não foi a falta, mas a abundância de fotos e vídeos recebidos para a transmissão. Pela primeira vez os usuários da internet puderam acompanhar informação em áudio e vídeo das ruas sem cortes de edição e sem a editorialização dos conteúdos e formatos das reportagens televisivas no endereço disponibilizado no *Facebook* onde o *Ninja* tem uma página (<<http://www.postv.org/>>).

A produção amadorística, quase *trash*, com imagens desfocadas e tremidas e falta de iluminação adequada, mas com grande força de

testemunho, foi acompanhada com entusiasmo pelos estudantes que tinham interesse compartilhar os protestos em todo o País e também por cidadãos de outras gerações, como as autoras deste trabalho, interessados em observar como foram construídos fora da mídia convencional registros tão impactantes do acontecimento no meio da rebelião. Por isso, a inclusão da subjetividade e da própria afetividade não deve ser desconsiderada nas análises das interações entre as audiências e as mídias, inclusive no campo do Jornalismo. A produção *Ninja* alcançou picos de audiência de 120 mil espectadores, o que significa uma marca de 1,2% dos ibopes oficiais – e não é pouco, pois muitos programas da TV aberta não o atingem<sup>3</sup>. É claro que esses acessos são bem menos expressivos do que os oito milhões de telespectadores que assistiram o *JN* no período estudado<sup>4</sup>.

Se podemos apontar problemas na cobertura dos “Protestos de Junho” no *Jornal Nacional*, eles talvez se relacionem com a falta de contextualização do acontecimento, como propõem Boczkowski e Mitchelstein (2013). Como aqui refletimos, as manifestações representam a saída do país de um estado de passividade, a revelação pública de insatisfações acumuladas e não explicitadas em relação às instituições e a expressão da crise de representação política articulada na rede a partir do MPL. O acontecimento estruturou-se como uma catarse, o que mostra um caráter emocional nas mobilizações nas redes sociais, no protagonismo da violência disputada nos modos de agir de uma parcela dos manifestantes e na forma de repressão policial do Estado registradas pela TV.

Esta análise, porém, revelou que hoje um dos desafios do telejornal de maior audiência do Brasil e de toda a mídia tradicional é o envelhecimento do público do Jornalismo, com mais de 50 anos em média, o que não tem a ver com a migração dos meios porque tal fato

<sup>3</sup> Disponível em: <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/postv\\_de\\_pos\\_jornalistas\\_para\\_pos\\_tespectadores](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/postv_de_pos_jornalistas_para_pos_tespectadores)>. Acesso em: 10 dez. 2013.

<sup>4</sup> Esse número corresponde a 13,36% dos telespectadores que acompanharam as notícias do *JN* durante os protestos de junho de 2013, de acordo com o universo da amostra de 60.816.500 pessoas do IBOPE Media Workstation – PTN (Nacional).

atinge a todas as mídias, mas com a incapacidade que o Jornalismo tem para se renovar, pois continua atrelado a convenções desenvolvidas, em sua maioria, no século XIX (MEDITSCH, 2012). De fato, nas ruas estava uma geração que nos grandes centros urbanos mundiais já não adota a televisão como único meio de informação, mas vive e constrói na mídia outros modos de se socializar e intervir na história no país. Essa geração com menos de 30 anos de idade comandou os protestos e introduziu formas inovadoras de disseminar informações que devem servir de inspiração para um Outro e possível Jornalismo capaz de criar alternativas que atendam às necessidades de informação e cidadania da população brasileira, porque sem o exercício do bom Jornalismo não há democracia. Não por acaso, este é o tema de pesquisas em Jornalismo desenvolvidas em centros de estudos de referência internacional, como as investigações de Boczkowski e Mitchelstein (2013) e Beckett (2008).

Segundo Castilhos (2013), é cedo para avaliar se o projeto dos *Ninjas* vai ter uma longa duração, até porque a permanência da produção nem sempre é o principal objetivo desse e de outros grupos com ações semelhantes. Mas os conteúdos e formatos audiovisuais dos *Ninjas* reafirmaram a importância de repensar o jornalismo audiovisual no atual ambiente midiático, porque não são mais os jornalistas e as organizações que decidem sozinhos o que é notícia. Qualquer pessoa pode publicar informação sobre um acontecimento que afeta a vida de uma comunidade, tornando a atitude jornalística mais importante que a competência jornalística. A defesa de uma causa em um ato jornalístico fere os princípios que regem o exercício da profissão, mas pode ampliar a agenda pública, como o ativismo informativo, o qual já não é mais tão mal visto na profissão (CASTILHOS, 2013b), ainda que se manifeste por meio da publicação de “textos que “parecem” ser jornalísticos, mas não o são porque não obedecem às exigências dos elementos essenciais ao contrato de comunicação” (BENETTI, 2010, p. 144). Por essa razão, o estudo das interações das audiências com os meios se torna ainda mais relevante para as investigações no campo.



## Considerações Finais

Os efeitos da convergência já incidem sobre as práticas e a linguagem dos noticiários televisivos. O telespectador-usuário pode fazer comentários e compartilhar mensagens nos *sites* das emissoras de TV, em *blogs*, redes sociais e interagir com conteúdos audiovisuais como fonte de consulta. O público também pode participar como colaborador na produção de notícias a partir de sua relação com as novas plataformas de informação. Além disso, a crescente demanda por consumo de vídeo na Internet mostra oportunidades de novos negócios para gestores que conseguirem identificar essas perspectivas, inclusive para os telejornais (BECKER, 2012b; PICCININ e SOSTER 2012, MACHADO FILHO e FERREIRA, 2012; MELLO e ROCHA, 2010; BECKER, 2009).

Em pesquisas anteriores, no entanto, observou-se que a produção colaborativa em áudio e vídeo nas coberturas de telejornais do Brasil e do mundo não resulta em relatos mais plurais e contextualizados dos acontecimentos e em maior inventividade estética, servindo mais como ilustração de matérias produzidas pelos jornalistas do que como conteúdos e formatos que agregam outros ângulos e pontos de vista na transformação dos fatos sociais em notícias; e que as ferramentas e tecnologias digitais disponíveis não são em si suficientes para garantir a qualidade e a diversidade do jornalismo audiovisual (BECKER, 2013; BECKER, 2012b). Mas a análise televisual das enunciações do *Jornal Nacional* e do *Mídia Ninja* sobre os Protestos de Junho de 2013 no Brasil revela que fatos que ocorrem fora dos canais de televisão convencionais, por meio do uso das ferramentas digitais impõem mudanças ainda mais expressivas ao modelo tradicional do telejornalismo, porque o conteúdo audiovisual já não está mais condicionado à tela do aparelho de televisão e pode ser acessado com a utilização de várias plataformas.

As apropriações da *web* são ancoradas na economia global e não quebram o poder dos grandes grupos de mídia e da organização social

estruturada pelo capital. O pós-massivo não deve ser compreendido como superação ou ultrapassagem. A televisão e os telejornais ainda ocupam lugares estratégicos na construção da realidade social cotidiana. Existe um convívio de formas de interação, independente do tipo de mídia utilizada tanto como dispositivo de transmissão quanto pelos usuários. A ruptura cultural e a democratização da informação na rede são questões complexas. A facilidade de disseminação de informação através de aparelhos móveis não garante que a produção de conteúdos colaborativos seja mais honesta e imparcial do que a da grande mídia, porque os riscos do tratamento da informação pelas pessoas no mundo *on-line* não são diferentes do mundo *off-line*. O mundo *on-line* é cheio de protocolos que também controlam a produção de informação e mediações na rede, que por sua vez produzem diversidade cultural e singularidades tanto quanto aliança e tradicionalismo (DEUZE, 2013).

Além disso, a televisão já não pode ser compreendida apenas como um meio massivo por interagir com diversos suportes midiáticos e distintas apropriações de seus conteúdos e formatos em áudio e vídeo (PRIMO, 2013). Em vez de anunciar-se a irrelevância do conceito de massa na contemporaneidade, seria mais produtivo discutir como a indústria de comunicação e suas audiências atualizaram-se e hoje intervêm nas práticas jornalísticas audiovisuais. Esse estudo revela, sem qualquer pretensão de esgotar esse debate, que as audiências tendem a romper os contratos de leitura da TV e a se inserir em outras telas onde, para além da subjetivação e da interpretação, desenham e concretizam formas inovadoras de contar e intervir na história contemporânea esgarçando a tradicional relação entre produção e recepção da mídia massiva.

O conceito de mediação (MARTÍN-BARBERO 2001; SILVERSTONE, 2005) constitui-se como relevante categoria teórica para esta análise. Colabora para a percepção de que a cobertura jornalística nos Protestos de Junho de 2013 no Brasil capturou e descreveu a heterogeneidade de transformações que a mídia e as apropriações das tecnologias digitais pelos cidadãos geram não só no

País, mas em todo o mundo. Este trabalho é uma contribuição para ampliar a perspectiva de que no século XXI as maneiras que passamos a usar a mídia já não devem ser subestimadas nos estudos de mídia e nas pesquisas em jornalismo.

## Referências

ARAÚJO, Willian F. **Ciberativismo**: levantamento do estado da arte na pesquisa no Brasil. Trabalho apresentado no Simpósio da ABCiber, 2011. Disponível em: <<http://simposio2011.abciber.com/anais/Trabalhos/artigos/Eixo%207/10.E7/193-300-1-RV.pdf>>.

Acesso em: 10 dez. 2013.

BECKER, B. **A linguagem do Telejornal**: um Estudo da Cobertura dos 500 Anos do Descobrimento do Brasil. Rio de Janeiro: E-papers, 2005.

\_\_\_\_\_. Rio + 20: Faces de um acontecimento Global.

**Comunicação & Sociedade**, São Paulo: Metodista, v. 34, n. 2, 2013.

Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/viewFile/3580/3340>>. Acesso em: 5 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. Mídia e Jornalismo como formas de conhecimento: uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais.

**Matrizes: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo**, São Paulo: ECA/USP, v. 5, n. 2, 2012 a.

Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/478>>. Acesso em: 7 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. Convergência x Diversidade: Repensando a qualidade das notícias na TV. **Brazilian Journalism Research**, v. 8, n. 2, 2012b.

Disponível em: <<http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/416>>. Acesso em: 8 dez. 2013.

\_\_\_\_\_. Jornalismo audiovisual de qualidade: um conceito em construção. **Estudos em jornalismo e mídia**, v. 6, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/11336>>. Acesso em: 9. dez. 2013.

BECKETT, C. **Super Media: Saving Journalism So it Can Save the World**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2008.

BENETTI, M. O Jornalismo como acontecimento. *In*: BENETTI, M; FONSECA, Virgínia P. S. (Org.). **Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010. p. 143-164.

BOCZKOWSKI, Pablo J.; MITSCHELSTEIN, E. **The News Gap**. Cambridge: MIT Press Books, 2013.

BRUNS, A. Gatekeeping, Gatewatching, Realimentação em Tempo Real: novos desafios para o Jornalismo. **Brazilian Journalism Research**. v. 7, n. 2, 2011. Disponível em: <<http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/342/315>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

CAMMAERTS, B. **Lógicas de protesto e a estrutura de oportunidade de mediação**. Matrizes, São Paulo: USP, v. 7, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/477>>. Acesso em: 11 dez. 2013.

CASTILHOS, C. O pós-jornalismo entra em cena nas manifestações. **Observatório de Imprensa**, Ano 17, n. 754, jun. 2013a. Disponível em: <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/posts/view/o\\_pos\\_jornalismo\\_entra\\_em\\_cena\\_nas\\_manifestacoes](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/posts/view/o_pos_jornalismo_entra_em_cena_nas_manifestacoes)>. Acesso em: 10 jul. 2013.

\_\_\_\_\_. *O que é mais importante no jornalismo: habilidade ou atitude?* **Observatório de Imprensa**, Ano 17, n. 781, jul. 2013b. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/posts/>

view/o\_que\_e\_mais\_importante\_no\_jornalismo\_habilidade\_ou\_atitude>. Acesso em: 10 jul. 2013.

DAYAN, D.; KATZ, E. **A história em Directo, os acontecimentos mediáticos na Televisão**. Coimbra: Edição Portuguesa Minerva, 1999.

DEUZE, M. Viver como um Zumbi na Mídia (É o único meio de sobreviver). **Matrizes**, São Paulo: USP, v. 7, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/478>>. Acesso em: 5 jan. 2013.

FRAGA, I. Protestos no Brasil acendem debate sobre qualidade da cobertura da grande mídia. In: **Journalism in the Americas**. Austin: University of Texas, 2013. Disponível em: <<https://knightcenter.utexas.edu/pt-br/blog/00-14102-protestos-no-brasil-acendem-debate-sobre-qualidade-da-cobertura-da-grande-midia>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

GERBAUDO, P. **Tweets and the streets: social media and contemporary activism**. New York: Pluto Books, 2012.

HERREROS, M. C. **Información Televisiva**. Madrid: Editorial Síntesis, 2003.

LORENZOTTI, E. PosTV, de pós-jornalistas para pós-telespectadores. **Observatório de Imprensa**, Ano 17, n. 781, jul. 2013. Disponível em: <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/postv\\_de\\_pos\\_jornalistas\\_para\\_pos\\_tespectadores](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/postv_de_pos_jornalistas_para_pos_tespectadores)>. Acesso em: 10 dez. 2013.

MACHADO FILHO, F.; FERREIRA, M. Jornalismo Audiovisual: Da Tela da TV para Outras Telas. **Brazilian Journalism Research**, v. 8, n. 2, 2012. Disponível em: <<http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/421>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

MACHADO, M. **Consumo e Politização**: discursos publicitários e novos engajamentos juvenis. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

MARTÍN-BARBERO, J.; REY, G. **Os Exercícios do Ver**. Hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.

MEDITSCH, E. **Pedagogia e Pesquisa para o Jornalismo que está por vir, a função social da universidade e os obstáculos para a sua realização**. Florianópolis: Insular, 2012.

MELLO, E; ROCHA, Liana V. Telejornalismo e Ciberespaço: convergência. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio, COUTINHO, Iluska (Org.). **60 Anos de Telejornalismo no Brasil, história, análise e crítica**. Florianópolis, SC: Insular, 2010.

PICCININ, F; SOSTER, Demétrio de A. Da Anatomia do Telejornal Midiatizado: Metamorfoses e Narrativas múltiplas. **Brazilian Journalism Research**, v. 8, n. 2, 2012. Disponível em: <<http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/427>>. Acesso em: 14 dez. 2013.

PRIMO, A. (Org.). **Interações em Rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

SILVERSTONE, R. **Por que Estudar a Mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2005.

VEJA. **Mudaram o Brasil**. In: Especial, Edição Histórica 2.327, ano 46, n. 26, p. 62-71, 26 jun. 2013.

WAISBOARD, S. Populismo e mídia: o neopopulismo na América Latina. **Contracampo**, Niterói: UFF, v. 28, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/617>>. Acesso em: 18 jan. 2014.